

A RESIGNIFICAÇÃO DO MEIO RURAL CHILENO EM FUNÇÃO DA PRIVATIZAÇÃO E DA MERCANTILIZAÇÃO DA CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

Luis Fernando De Matheus e Silva¹

Desde meados de década de 1990, determinados lugares considerados “ricos” em biodiversidade e esteticamente atrativos, vêm experimentando um processo de transformação, em função da valorização de seus atributos ecológicos e paisagísticos. Nesse sentido, a mercantilização da natureza e da paisagem tem servido para resignificar o meio rural contemporâneo, atuando como uma alavanca para a territorialização de novas práticas espaciais.

No Chile, este processo tem ganhado bastante força nas últimas duas décadas, especialmente nas regiões mais austrais do país. Para isso, a geografia tem desempenhado um papel fundamental, pois se por um lado as características naturais destas regiões (de certa forma) impõem limites para a expansão da fronteira silvoagropecuária tradicional, por outro, geram as condições ideais para a extração de renda territorial através de outros meios, como por exemplo, o turismo e a conservação ambiental. Estas novas possibilidades de extrair renda da terra têm motivado a inversão em terras por parte de agentes privados e capitalistas, abrindo caminho para a reestruturação do meio rural do sul chileno, com a territorialização de práticas e atividades econômicas que têm na natureza conservada seu *leitmotiv*, materializadas na forma de parques e reservas privadas, somados a complexos turísticos e outros empreendimentos imobiliários, como condomínios fechados.

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar e discutir com os colegas o processo de “resignificação socioespacial” do meio rural da zona andino-lacustre da região de *Los Ríos*, mais especificamente nas localidades de *Neltume* e *Riñinahue*, em função da conformação de duas reservas privadas de conservação ambiental ligadas ao meio empresarial - a reserva biológica privada *Huilo Huilo* e o Parque *Futangué*.

¹ *Universidad de La Frontera (UFRO)*. luis.dematheus@ufro.cl

Para ajudar a entender este complexo fenômeno, se utiliza como principal substrato teórico o materialismo histórico-geográfico preconizado por autores como David Harvey, Nel Smith, Cindy Katz, entre outros, assim como demais pensadores vinculados ao pensamento crítico, especialmente marxista, como Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Roberto Moreira, Ana fani Carlos e Carlos Diegues. Ao mesmo tempo, esta reflexão se nutre das informações que vêm sendo levantadas *in situ*, durante os trabalhos de campo realizados na zona. Trata-se, em verdade, de uma das arestas que está sendo investigada dentro dos marcos do projeto de pós-doutorado intitulado “*El negocio de lo prístino: Las consecuencias socioespaciales de la comodificación de la naturaleza y del paisaje en la zona lacustre-andina de Los Ríos*”, realizada no Núcleo Científico Tecnológico en Ciencias Sociales y Humanidades da Universidad de la Frontera, com auspício do Fondo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (Fondecyt - Chile), projeto nº 3170103.

Vinculada ao holding *Themcorp*, a reserva biológica *Huilo Huilo*, localizada em Neltume, comuna de Panguipulli, começou a ser constituída em meados dos anos 1990, sendo que é considerada hoje uma das mais importantes e conhecidas reservas de conservação ambiental privadas do país, com 100 mil hectareas. Esta reserva conta com um consolidado complexo turístico-hoteleiro, que espetaculariza a proteção ambiental, transformando-a num “produto que conjuga a paisagem e o ambientalismo com os o glamour do turismo”². O Parque Futangue, por sua vez, se encontra na localidade de Riñinahue, comuna de Lago Ranco. Com 13.500 hectáreas, o parque pertence à Fundação Ranco, de propriedade de um conhecido empresário e político chileno. À diferença de *Huilo Huilo*, o Parque Futangue ainda não possui uma estrutura hotelera totalmente consolidada, mas desde uns anos vem investindo para isso.

² Fonte: Revista Bosque Nativo, nº. 50. <http://bosquenativo.cl/?p=1017>.



Imagem 01: Área geral do presente estudo, indicando a Reserva *Huilo Huilo*, em *Neltume*, e o Parque *Futangue*, em *Riñinahue*. Fonte: *google earth*.

Apesar das diferenças de escala e infraestrutura, sustenta-se que estas áreas privadas de conservação ambiental surgem em meio a um processo iniciado no final dos anos 1990, em que – dentro de um contexto global marcado, entre outras coisas, pela “superurbanização do mundo” (DAVIS, 2011) e por uma grave crise de sobreacumulação de capital (HARVEY, 2004) – a natureza conservada se transformou em uma nova estratégia de acumulação de capital (KATZ, 1998). Como parte integrante da expansão capitalista no campo chileno, esses projetos têm suas raízes na contrarreforma agrária colocada em marcha depois do golpe civil-militar de 1973, e nos processos privatizadores pelos quais o país passou entre as décadas de 1970 e 1980, com a aplicação dos preceitos liberais mais ortodoxos. Além disso, têm servido como catalizadores para a transformação da geografia da zona, que historicamente conformava o lar ancestral de diversos povos de origem mapuche, e que, desde o final do século XIX, estava integrada ao espaço econômico chileno basicamente por meio da exploração madeireira e florestal.

Acerca deste respeito, é importante mencionar que durante o governo de Salvador Allende, a zona andino-lacustre de *Los Ríos* experimentou um período de grande agitação, marcada pela estatização da economia nacional, pelo fortalecimento dos sindicatos e das organizações de camponeses, trabalhadores rurais e indígenas, e pelo aprofundamento da

reforma agrária iniciada anos antes. Um dos casos mais emblemáticos deste período teve lugar na comuna de Panguipulli, quando foram expropriados 22 latifúndios para a criação do *Complejo Forestal y Maderero Panguipulli* (CFMP), empresa nacional criada em 1971, e que ficou conhecida por um modelo de cogestão entre o Estado e os trabalhadores. No seu momento de apogeu, o Complejo empregou cerca de 3.600 pessoas e administrava mais de 400 mil hectáreas.

O golpe de 1973 marca o fim desta curta, mas potente, experiência. A partir de então – por meio da força das armas – foram postos em marcha uma série de mecanismos de acumulação por espoliação, como a contrarreforma agrária, a opressão ao trabalho organizado, a precarização laboral, o parcelamento das terras indígenas, e a privatização dos bens comuns e dos recursos outrora pertencentes ao Estado. Todos estes mecanismos permitiram assentar as bases para a “modernização neoliberal” do meio rural chileno (DE MATHEUS E SILVA, 2016), contribuindo também para que uma nova geografia fosse desenhada na zona andino-lacustre de Los Ríos.

A primeira parte deste processo teve lugar entre as décadas de 1970 e 1980, quando o país abandonou o modelo de “desenvolvimento para dentro” até então imperante, e passou a depender cada vez mais da exportação de bens primários. Dentro das condições geradas pela neoliberalização da economia chilena, as regiões experimentaram um processo de especialização produtiva, em função daquelas que seriam suas principais vantagens competitivas. No caso específico da nossa área de estudo, a zona andino-lacustre de Los Ríos, buscou-se estimular a modernização e a racionalização da silvicultura, assim como a produção de celulosa.

A partir dos anos 1990, já em democracia, as condições engendradas pela globalização do capitalismo neoliberal vão promover diversificação e a flexibilização dos usos do solo, levando à territorialização de novas atividades econômicas. Nesse sentido, se verifica, grosso modo, o incremento dos projetos de geração hidroelétrica de um lado, e, do outro, o estabelecimento de variados projetos conservacionistas privados, seguidos de uma série de negócios vinculados ao turismo. Isto tudo acabou por complexificar ainda mais a dinâmica socioespacial da zona, aumentando a competição intercapitalista em torno à terra e à natureza (e consequentemente às diferentes rendas geradas por elas), e intensificando a disputa

ideológica acerca do futuro e do papel daquele lugar, para o país e para o mundo. Como consequência, novos conflitos e contradições vêm sendo experimentados, com destaque para a apropriação privada da natureza, o incremento da especulação imobiliária e a reconcentração fundiária.

Palavras-chave: Neoliberalismo; produção capitalista do espaço; mercantilização da natureza; acumulação por espoliação; privatização e mercantilização da conservação ambiental.

Referências Bibliográficas

ALFARO MONSALVE, K. Acumulación por desposesión en Chile: el caso del Complejo Forestal y Maderero Panguipulli en sur de Chile (1973-1990). In: *Revista Historia* 396. n° 02 pp.229-255, 2016.

BARRENA RUIZ, J.; HERNANDO ARRESE, M.; ROSAS MARCHINI, F. Antecedentes históricos sobre el Compeljo Historico Maderero Panguipulli, província de Valdivia, centro-sur de Chile. In: *Revista Bosque*, n° 37, pp.473-484, 2016.

BLANCO WELLS, G. La reinvencción de la Patagonia: Gente, mitos, mercancías y la continua apropiación del territorio. En: Ellison, N.; Martínez Mauri, M. (org.). *Paisaje, espacio y territorio: reelaboraciones simbolicas y reconstrucciones identitárias en America Latina*. Quito – Ecuador: Abya Ayala, 2008

CATALÁN, R; WILKEN, P.; KANDZIOR, A.; TECKLIN, D.; BURSCHEL, H.(org.). *Bosques y comunidades del sur de Chile*. Santiago de Chile: Editora universitaria, 2005.

COMITÉ MEMORIA NELTUME. *Guerrilla en Neltume: una historia de lucha y resistencia en el sur de Chile*. Santiago de Chile: LOM, 2013.

COMISION VERDAD HISTORICA Y NUEVO TRATO CON LOS PUEBLOS INDÍGENAS. *Informe de la Comision Verdad Historica y Nuevo Trato con los Pueblos Indígenas*. Santiago de Chile: Comisionado Presidencial para Asuntos Indígenas, 2008.

DAVIS, M. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2011.

DE MATHEUS E SILVA, L.F. Desposeer para acumular: reflexiones sobre las contradicciones del proceso de modernización neoliberal de la agricultura chilena. In: *Revista Mundo Agrario*. vol. 17, n° 34, 2016.

DIEGUES, A.C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1994.

GÁRATE CHATEAU, M. *La revolución capitalista de Chile (1973-2003)*. Santiago de Chile: Ediciones Alberto Hurtado, 2012.

HARVEY, D. *Espacios del capital*. Madrid: Akal, 2009.

HARVEY, D. 2004. *El nuevo imperialismo* Madrid: Akal, 2004.

HARVEY, D. 1990. *Los límites del capitalismo y la teoría marxista*. D.F. Mexico: FCE.

KATZ, C. Whose nature, whose culture? (private productions of space and the “preservation” of nature). In: Braun, Bruce; Castree, Noel. *Remaking Reality*. Londres/ Nova York: Routledge, 1998.

MARX, K. 2013. *O Capital* – livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOREIRA, R.J.. Renda da natureza e territorialização do capital: reinterpretando a renda da terra na competição intercapitalista. In: Estudos Sociedade e Agricultura, nº 04, pp. 89-111, 1995.

NUÑÉZ, A.; ALISTE, E.; BELLO, A. Patagonia-Aysén en la construcción del imaginario geográfico de la nación. In: *Iztapalapa Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*, nº 76, año 35, pp. 165-188, 2014.

NUÑÉZ, A.; ALISTE, E.; BELLO, A. El discurso del desarrollo en la Patagonia-Aysén: la conservación y la protección de la naturaleza como dispositivos de una renovada colonización. Chile, siglos XX-XXI. In: *Anais do XIII Coloquio Internacional de geocritica*, 2014a.

OLIVEIRA, A. *Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária*. São Paulo: FFLCH-USP, 2007.

PORTO GONÇALVES, C.W. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RIVERA, C.; VALLEJOS-ROMERO, A. La privatización de la conservación en Chile: repensando la gobernanza ambiental. In: *Revista Bosque*, nº. 36, pp. 15-25, 2015.

SMITH, N. *Uneven Development*. London/New York: Verso, 2010